

Ulysses quer a paz

30 MAI 1987

CORREIO BRAZILENSE

Ulysses Guimarães concluiu acordo em torno dos cinco anos de mandato com o presidente Sarnéy. Na verdade, os 17 coordenadores de bancadas apenas formalizaram um entendimento já concluído entre o presidente do PMDB e o Presidente da República em torno da duração do mandato e da forma de Governo. O entendimento isola o senador Mário Covas e o expressivo grupo ortodoxo do partido, hoje reduzido em razão do trabalho que o Palácio do Planalto desenvolveu junto aos aflitos governadores.

Agora, Ulysses promete dar consequência ao entendimento, que procura justificar como passo importante no caminho da unidade ameaçada. Seu objetivo seria promover entendimentos entre as forças de centro e de direita, representadas pelos coordenadores, com as esquerdas e os ortodoxos, hoje liderados, sem dúvida, pelo senador Mário Covas.

O presidente do PMDB, que sempre adotou posição pendular ao longo de seu extenso reinado no partido, está disposto a promover entendimentos entre as duas correntes no âmbito das Comissões Temáticas para explorar possíveis oportunidades de negociação em torno de pontos capitais, como a reforma agrária ou o grau de intervenção do Estado na economia, a fim de evitar a ameaça de retrocesso claramente configurada em algumas decisões de subcomissões.

O líder do Governo, deputado Carlos Sant'Anna, sugeriu ontem que Ulysses Guimarães coordenasse pessoalmente esses entendimentos, sustentando que, sem negociação, não haverá meio de se obter uma Constituição equilibrada e imune aos extremismos de ambos os lados. Ulysses considerou "bem pensada" a sugestão do líder do Governo, dispondo-se a adotar uma iniciativa nesse sentido. Eis aí uma tentativa de evitar o conflito ideológico que ameaça rachar o partido, como o reconhecem Ulysses, Sant'Anna, Mário Covas, Luiz Henrique e Fernando Henrique Cardoso. Só que é muito difícil reunir a esquerda e a direita em torno de objetivos comuns a respeito de temas polêmicos como a reforma agrária.

O deputado Expedito Machado recusa a classificação de direita para esse grupo de cuja formação participou, como um dos líderes. Garante que a maioria é de centro-liberal e está certo de que não será difícil levá-los a uma verdadeira reforma agrária, de cunho capitalista, como quer o Governo, se os setores mais à esquerda concordarem em fazer as indispensáveis concessões.

Os amigos de Covas, ainda atordoados com o acordo celebrado entre Ulysses e a parte mais conservadora do PMDB, sustentam que esse entendimento representa um golpe sobre a liderança do partido na Assembleia Constituinte — sobre Mário Covas. Enquanto o líder do PMDB na Constituinte viaja pelo Rio Grande do Sul, imaginam-se formas de reação.

O deputado Maurílio Ferreira Lima, o único coordenador de bancada a se colocar frontalmente contra o acordo em torno dos cinco anos, está anunciando um trabalho de mobilização popular destinado a pressionar a Constituinte para fixar o mandato em quatro anos e adotar mudanças dentro da linha progressista.

Embora admitindo condição minoritária para os ortodoxos, nessa eventualidade, Maurílio Ferreira Lima acredita que essas lideranças populares poderão realizar intenso trabalho de mobilização popular capaz de coagir a maioria dos constituintes a votar as reformas, evitando uma Constituição de talhe conservador e até retrógrado.

Ulysses procura assumir o papel de grande liderança do partido depois de uma longa fase de paralisação imposta pela surpreendente eleição de Mário Covas para a liderança na Constituinte. Agora, os conservadores acusam Covas de ser o responsável pelas decisões conservadoras, uma vez que não teria exercido o papel de coordenador das negociações entre os dois grupos de que se compõe o partido.

TARCISIO HOLANDA